**GeoPUC – Revista da Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio**
Rio de Janeiro, v. 13, n. 25, set. 2020
Dossiê Encontro de Egressos da Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio

# A PRODUÇÃO DO ESPAÇO DE GUARATIBA, RIO DE JANEIRO (RJ), NA PASSAGEM PARA O SÉCULO XXI, E AS REPERCUSSÕES NA VIDA COTIDIANA DE SEUS HABITANTES

**Vânia Nunes Morgado**[i]
Doutora em Geografia
PUC-Rio

**Resumo**

A pesquisa estuda a produção do espaço urbano como um fenômeno complexo que se submete às determinações históricas do presente, a partir das transformações na/da cidade em processo de expansão. O urbano é dinâmico e marcado por momentos seja de valorização de novas áreas, seja de desvalorização ou revalorização de outras, determinando novos usos e funções para atender o capital. Investigamos a produção do espaço urbano e o processo de expansão da cidade do Rio de Janeiro para à Zona Oeste, com foco na XXVI Região Administrativa de Guaratiba. O século XXI vem apresentando modelos de gestão com políticas públicas voltadas para as questões externas à cidade, com investimentos que privilegiam grandes obras viárias com forte impacto nas transformações do espaço urbano. Nessa perspectiva propomos um estudo das intervenções que chegam à RA de Guaratiba, promovidas principalmente pelo Estado e pelo mercado imobiliário, alterando significativamente a vida dos seus habitantes, além de demostrar uma reorientação urbana da cidade do Rio de Janeiro. O artigo desenvolve questões centrais da pesquisa de doutorado.

**Palavras-chave:** espaço, urbano, sujeito, representação do espaço, vida cotidiana.

**THE PRODUCTION OF THE SPACE IN GUARATIBA, RIO DE JANEIRO (RJ) AT THE TURN OF THE 21ST CENTURY, AND THE REPERCUSSIONS ON THE DAILY LIFE OF THE INHABITANTS**

**Abstract**

This research studies the production of urban space as a complex phenomenon that undergoes the present historical determinations, from the transformations in / of the city in expansion process. The urban is dynamic and marked by moments either of valorization of new areas, of devaluation or revaluation of others, determining new uses and functions to serve the capital. We investigated

*Endereço institucional:*
Colégio de Aplicação da UFRJ – Rua J.J. Seabra s/n, Lagoa, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
*Endereço eletrônico:*
vaniacapufrj@gmail.com



ISSN 1983-3644

the production of urban space and the process of expansion from the city of Rio de Janeiro to the West Zone, focusing on the XXVI Guaratiba Administrative Region. The 21st century has been presenting management patterns with public policies focused on issues outside the city, with investments that favour major road works with a strong impact on the transformations of urban space. In this perspective, we propose a study of the interventions that arrive at the Guaratiba AR, promoted mainly by the State and the real estate market, significantly altering the life of its inhabitants, besides showing an urban reorientation of the city of Rio de Janeiro. This article develops central questions in doctoral research.

**Keywords:** space, urban, subject, space representation, daily life.

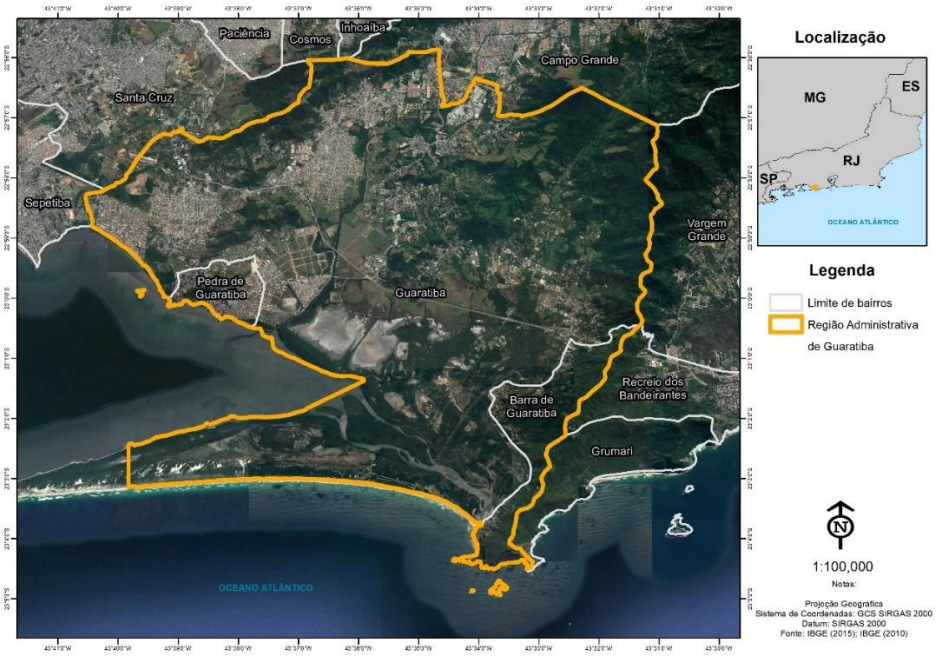
## Introdução

O presente artigo tem como propósito apresentar questões centrais da pesquisa de doutorado, realizada no Departamento de Pós-Graduação de Geografia da PUC-Rio, no período de 2015 a 2019. Ao problematizar o processo de expansão urbana da cidade do Rio de Janeiro, analisamos a produção do espaço de Guaratiba com suas contradições, conflitos e possibilidades.

Estudar Guaratiba é transitar por memórias familiares e reconhecer afetos, desejos e sonhos que foram silenciados e/ou adormecidos, pois a vida é um bordado que desenha a nossa trajetória, que certamente não é harmoniosa, como nos ensina Soares (2001). A leitura desse bordado permite compreender os processos de ocupação recentes da região onde observamos continuidades, mas também rupturas – outros traços e cores no desenho incompleto, e por que não dizer, infinito. Desenho de múltiplas Guaratibas que constitui variados traçados, um emaranhado de linhas coloridas que embaraçam e desembaraçam no tempo e no espaço.

A XXVI RA de Guaratiba está situada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Apresenta área total de 152,48 Km² e compreende os bairros de Guaratiba, Pedra de Guaratiba e Barra de Guaratiba (Fig. 1).

**Figura 1: Localização da XXVI Região Administrativa de Guaratiba**




**Adaptado por Morgado e Nascimento (2019)**

Vivemos um momento em que a sociedade capitalista passa por acelerada transformação em ritmo e em conteúdo, numa espiral de acontecimentos, saberes e conhecimentos, que criam outras formas de organização espacial. Sempre em movimento o mundo apresenta uma evolução técnica-científica-informacional, caracterizada por um sistema estruturado na configuração de redes de conhecimentos e acontecimentos, materializadas através dos fixos (sistemas de objetos materiais e imateriais) e dos fluxos (sistemas de ação). Os espaços são produzidos em tempos diversos, nas múltiplas escalas que transitam do local ao global, em que a cultura e a técnica são dimensões significativas na vida das pessoas.

> Os espaços assim requalificados atendem, sobretudo aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. O meio técnico-científico-informacional é a aparência geográfica da globalização (SANTOS, 2014, p.239).

Essa organização espacial em rede é também caracterizada pela instantaneidade da informação e difusão de imagens com diversificado conteúdo simbólico, explícitas por mercadorias, inovações, afetos. A liberação das telecomunicações e a convergência

com os setores das tecnologias da informação e do audiovisual contribuíram para outras formas de acumular capital. Ianni (1999), diante dessas mudanças, afirma que passamos a viver em "cidades globais" (p.53), produto do desenvolvimento do capital, caracterizadas por novas formas de escassez e dependência.

Nessa perspectiva, as redes também são produtoras de espaço, sejam elas de bens materiais como túneis, pontes e estradas que ampliam a circulação viária da cidade, como também imateriais a exemplo das redes técnicas de informação que disseminam várias maneiras de pensar, sentir e agir, nos diferentes espaços e nas diversas escalas, o que influencia a difusão cultural, outros modelos de trabalho e variadas formas de dependência do capital nos diversos lugares do mundo (LENCIONI, 2010).

Assim, a informação, a economia, a cultura e os lugares aparecem contextualizados em um processo de globalização, definida por Santos (2004) como um conjunto de realidades e fenômenos contemporâneos que distinguem a época atual dos períodos anteriores, portanto caracterizada por um conjunto de novas possibilidades concretas que impõe novas lógicas à produção do espaço. Esse processo incompleto, que se espacializa de forma desigual e seletiva, apresenta progressivamente mudanças na forma de ampliar o capital. A globalização da economia internacional colocou outros parâmetros para as cidades globais. Com o aprimoramento dos serviços de transporte e comunicações as cidades ficaram mais integradas e as empresas transnacionais, que comandam transações materiais e virtuais, passaram a estabelecer relações com os espaços sob o viés da financeirização.

Para Sassen (2005), essa forma de acumulação do capital cria uma configuração de cidade. A autora reconhece que o modelo de cidade global tem um conteúdo significativo para analisar esse momento da globalização. Dentre as hipóteses do seu estudo destacamos dois processos importantes: o primeiro está centrado na dispersão geográfica das atividades econômicas com uma integração simultânea, sendo um fator fundamental que promove o crescimento e incentiva os recursos corporativos centrais, materializados pelas firmas localizadas em diferentes países. O segundo está relacionado às funções centrais de gestão e controle que incluem os serviços especializados, concentrados em determinadas cidades (as cidades globais). Assim, a

maior mobilidade do capital originou "formas específicas de articulação entre diferentes áreas geográficas e a transformação no papel desempenhado por tais áreas na economia mundial" (SASSEN, 2005, p. 58). Essa lógica da economia tende a acirrar as desigualdades não só internas como externas às cidades.

Esse processo altera os padrões de produção, do consumo e, especialmente da cultura das cidades, construindo outras lógicas de fragmentação e hierarquização do espaço, além de criar identidades globalizantes com perdas significativas dos referenciais culturais locais. Essa visão que a princípio parece perversa, pois pode significar o extermínio das diferentes culturas e um total domínio dos elementos globalizantes, deve ser relativizada, visto que nesse processo há um movimento intrínseco que pode criar formas de resistência à essa estratégia do capital, seja ao fortalecer e ressignificar as culturas locais, ou mesmo produzir novos referenciais, propondo formas alternativas de organização social que sejam democráticas e solidárias.

Nesse sentido estudar a produção do espaço nos permite analisar os fenômenos existentes e compreender os processos espaciais que emergem na escala local e configuram outras formas de organização. Segundo Léfèbvre (2006) o espaço é um produto social e trata-se de um espaço em processo, ou seja, socialmente construído pelas práticas espaciais dos sujeitos.

Com base nessa concepção de espaço, o autor apresenta uma análise espacial da sociedade capitalista a partir da tríade em que ele é homogêneo, fragmentado e hierarquizado. Esses processos acontecem simultaneamente na produção do espaço. A homogeneização tende a tornar as cidades semelhantes, ou melhor, padronizadas pelas formas de produção, com destaque para o campo da arquitetura que apresenta padrões de construção uniformes, porém como afirma Lencioni (2015), essa padronização é marcada por contradições e revela tensões e conflitos.

Ao mesmo tempo em que o espaço se homogeneíza ele se fragmenta pelas funções urbanas e por sua capacidade técnica, informacional e científica. Simultaneamente a esses dois processos tem a hierarquização do espaço social. Encontramos regiões, cidades, bairros e sujeitos vivendo em condições marginais, isto é, de exclusão pelo capital, mas não por estarem fora da dinâmica capitalista. Nessa

relação estão em condição periférica ou semiperiférica momentânea, o que permite a reprodução do sistema capitalista com uma racionalidade dominante que homogeneíza, fragmenta e hierarquiza o espaço para atender às necessidades do capital e, por isso, produz relações assimétricas, que definem a função de cada espaço. Como essa racionalidade não se manifesta igualmente nos espaços resulta em zonas excluídas que tendem a produzir formas de expressão com outras lógicas (SANTOS, 2014).

A racionalidade dominante impõe novos ritmos e novas relações sociais, econômicas e políticas à cidade. Como demonstra Santos (2014) na cidade temos as "áreas luminosas" (p.308) dotadas de um conteúdo tecnológico, financeiro e científico; e as "áreas opacas" (p.309) consideradas menos modernas por não terem essas condições específicas tão presentes. Sendo assim, na mesma cidade encontramos lógicas diferentes de ocupação, porém essas lógicas são complementares, o que dá unicidade a cidade. Essa racionalidade ao reproduzir o capitalismo reforça a política local na qual as cidades passam a competir pela atração de investimentos públicos e privados e por fluxos de consumo. Atualmente, numa perspectiva neoliberal, a produção, a competitividade e a subordinação dos fins à lógica do mercado são elementos que dominam a nova concepção do urbano, constituindo o que Harvey (2004) denominou de "empresariamento da gestão urbana" (p. 242).

Com a crise mundial que marca a transição para o século XXI, as cidades buscam soluções na realização dos megaprojetos, e por isso, entram em competição para atingir metas impostas internacionalmente. Para Pereira (2014) as condições históricas facilitaram a transferência de formas geográficas ou espaciais entre os países dos diversos continentes, o que possibilitou a produção global do espaço, objetivando a acumulação ampliada do capital. Como nos explica Harvey (1992) o capital não resolve suas crises, ele as desloca geograficamente.

Nesse contexto, as grandes cidades passam a se preparar para desenvolver os megaprojetos, que combinam a intervenção urbana com a realização dos eventos internacionais. Para tornar realidade esses projetos o Estado e os sujeitos privados, com destaque para as construtoras, investem nos meios de comunicação de massa, propagando um discurso com representações hegemônicas que criam referências de desenvolvimento e de cultura que afetam o cotidiano.

As intervenções urbanas ao mesmo tempo em que provocam transformações visíveis no espaço representam, de certa forma, uma expectativa aos anseios da população no que se refere à melhoria da qualidade de vida: transporte eficiente, moradia com coleta e tratamento de esgoto, acesso à água potável e luz elétrica, pavimentação das ruas, oferta de empregos, construção de escolas e hospitais na região. Além disso, possibilita um reordenamento da expansão urbana, o que permite outras lógicas de ocupação da cidade. Guaratiba é uma região que vive esse processo na sua especificidade multifacetada.

## Desenvolvimento

As políticas públicas municipais e os planos de reestruturação urbana da cidade do Rio de Janeiro trazem a partir da década de 1990 o discurso dessa globalização neoliberal e marcam uma administração voltada para a visão empresarial e econômica. O caráter empresarial afeta significativamente a dinâmica da organização do espaço da cidade, tendo no mercado imobiliário a força motriz que possibilita "forçar a reprodução repetitiva e em série de certos padrões de empreendimentos" (HARVEY, 1994, p. 56), impondo formas de organização espacial que alteram a vida cotidiana da cidade.

O impacto sobre o espaço urbano se dá na medida em que o crescimento imobiliário e o crescimento econômico tornam-se sinônimos e essa forma de organização espacial se volta para atender às novas demandas do capital. Cria-se uma representação social da cidade do Rio de Janeiro como "cidade moderna e empreendedora" (FERREIRA, 2013, p.62), atraindo investimentos públicos e privados na elaboração e realização de megaprojetos e ações estratégicas com fins especulativos**.**

É fato que a perspectiva empresarial presente nos planos de governo não constrói uma gestão pública voltada para as questões internas e urgentes da cidade**.** Os interesses da população não são prioridade, são mediados por relações de poder e por um discurso ideológico que se constrói na dimensão das representações do espaço, carregadas de conteúdo simbólico num discurso hegemônico de "cidade que planeja o futuro". Tal perspectiva de desenvolvimento ainda se relaciona à

modernização, mas já integrada à dinâmica da financeirização do espaço (FERREIRA, RUA E MATTOS, 2017).

O Estado promove projetos de crescimento e de renovação da cidade e, ademais, orienta os vetores de expansão, direcionando os fluxos populacionais. A produção do espaço urbano é também resultado das condições urbanas. Se antes essas condições urbanas tinham sua produção e gestão em grande parte assumida pelo Estado, hoje constituem uma esfera privilegiada de investimentos de capital em parceria com a iniciativa privada. Possibilitar essas condições – arruamento, coleta e tratamento de esgoto, fornecimento de água, eletricidade, entre outras – representa a possibilidade de negócios e de aferição de muito lucro. A racionalidade capitalista é determinante, submetendo a produção das condições urbanas aos interesses exclusivos da reprodução do capital nas diferentes cidades (LENCIONI, 2010).

As transformações espaciais na cidade do Rio de Janeiro respondem a um reordenamento urbano que define eixos de expansão da/na cidade, a partir de racionalidades que se espacializam verticalmente e horizontalmente (SANTOS, 2014). A cidade do Rio de Janeiro, nas duas últimas décadas, apresenta intervenções urbanas, tais como a ampliação das vias de circulação com a construção de túneis e estradas, sistemas de transporte coletivo e outras, que fazem parte de um processo de expansão da cidade para a Zona Oeste. Essa expansão é caracterizada por mudanças na dinâmica demográfica, no padrão da estrutura fundiária, na especulação imobiliária e na produção de bens e serviços. Nesse cenário de reorientação de fluxos e lógicas de ocupação, os bairros localizados na VI Região Administrativa de Guaratiba se tornam protagonistas desse processo.

A virada para o século XXI estabelece nas cidades uma política que prioriza a iniciativa privada em consonância com interesses internacionais, o que estabelece o distanciamento entre o que é proposto pelo Estado e o que é posto pela população, mas essas transformações na cidade resultam das ações dos sujeitos no espaço. Os sujeitos são produtores do projeto de cidade instituído, porém eles percebem e atuam no espaço de forma diferenciada. Os sujeitos interagem com o que é externo e interno à região, ora legitimando o discurso hegemônico, ora produzindo novas representações do espaço.

Para compreender o conceito de sujeito na dimensão da pesquisa recorremos a Ferreira (2013). Nessa abordagem o sujeito é social, tem subjetividade e se apresenta aberto frente ao cotidiano. Ao falarmos de sujeito social consideramos indivíduos, grupos sociais, lideranças locais, empresas, instituições e o Estado. Cabe ressaltar que utilizamos o termo sujeito, de forma abrangente, embora considerando que nem todo sujeito é um ator social, posto que pode vir a reproduzir práticas e representações hegemônicas.

Segundo Léfèbvre (2006) os sujeitos produzem espaços por meio das bases materiais e imateriais e das representações simbólicas. O símbolo é apenas uma representação de uma representação, e toda representação contém dependências, mas também outras possibilidades. Nesse sentido as práticas sociais dos sujeitos apresentam um conteúdo simbólico (imagens, afetividades e conotações) que produz representações hegemônicas ou contra hegemônicas. Investigar as representações sociais é analisar contradições e conflitos que contribuem para a compreensão do processo de produção do espaço da cidade do Rio de Janeiro, como também permite pensar as possibilidades criativas dos sujeitos que habitam Guaratiba.

Sendo assim, o sujeito ganha centralidade na pesquisa como categoria fundamental para a análise espacial, e percebido nas suas dimensões – social, cultural, política e nas suas multiescalaridades (HAESBERT, 2004). Selecionamos os sujeitos a partir de um conhecimento empírico da área, optando por agrupá-los a partir de seu lugar social, da seguinte maneira: a) moradores antigos e novos; b) veranistas e turistas; c) trabalhadores locais; d) lideranças locais; e) movimentos sociais, associações de moradores e sindicatos; f) instituições públicas – COMLURB, prefeitura; g) instituições religiosas, fundações de assistência social; h) comércio e serviços locais e empresas da construção civil. Cabe ressaltar que no decorrer da pesquisa outros sujeitos foram envolvidos na investigação, já que a base teórico-metodológica possibilitou a inclusão desses sujeitos, como também novas descobertas e desafios.

A metodologia utilizada tem como base a pesquisa qualitativa, com ênfase na empiria e centralidade na pesquisa de campo. Encontramos na abordagem dialética um caminho possível para analisar as contradições existentes no processo de produção do espaço de Guaratiba. Sendo assim, partimos do real, isto é, da observação

direta dos vestígios e traços encontrados, para depois recorrermos à teoria em busca dos conceitos norteadores das questões investigadas, e retornarmos a esse real (múltiplo e facetado) na sua concretude (KOSIK, 1995). Nesse processo de pesquisa destacamos as experiências nos trabalhos de campo, que provocaram uma reflexão constante e a busca de novos caminhos para obter dados qualitativos.

A pesquisa de campo se desenvolveu em três momentos interrelacionados. O primeiro momento consistiu num levantamento bibliográfico de referenciais teóricos e metodológicos, fontes estatísticas e de arquivos, estudos locais sobre a região e material cartográfico (com mapas, cartas topográficas, imagens de satélites), o que gerou uma base de orientação dos trabalhos de campo, das técnicas de coleta de dados e da análise dos resultados, que dialogaram com o objeto da pesquisa e com os objetivos propostos em todo o processo de investigação.

O segundo momento foi de realização dos primeiros campos identificados na pesquisa como "trajetos livres", que consistiram em iniciar o campo a partir de um determinado ponto e se deixar levar pela observação atenciosa dos elementos significativos do espaço que se apresentavam diante de um percurso aberto e "infinito". Nos trajetos conversamos informalmente com as pessoas, fizemos entrevistas através de um pequeno questionário com perguntas de fácil entendimento e produzimos um material fotográfico. A opção por um trabalho de campo sem percurso pré-definido foi possível porque o pesquisador já conhecia a região como veranista e turista e, agora, estando numa outra posição teve muitas interrogações sobre como e onde diferentes sujeitos seriam representativos das tensões investigadas na tese. Além da necessidade de fazer um (re) conhecimento da área pela sua dimensão e complexidade dos processos de formação que se contrapõem. Como foi citado anteriormente, para fazer os trajetos foi necessário que o pesquisador adquirisse um conhecimento prévio com referenciais teóricos conceituais e materiais documentais e censitários, que permitiram realizar esse tipo de trabalho de campo e buscar novas questões.

O terceiro momento constitui-se em rever os objetivos da pesquisa, selecionar os sujeitos pesquisados e dar continuidade aos trabalhos de campo, numa imersão gradativa em Guaratiba, a fim de estabelecer um diálogo entre a teoria e a prática,

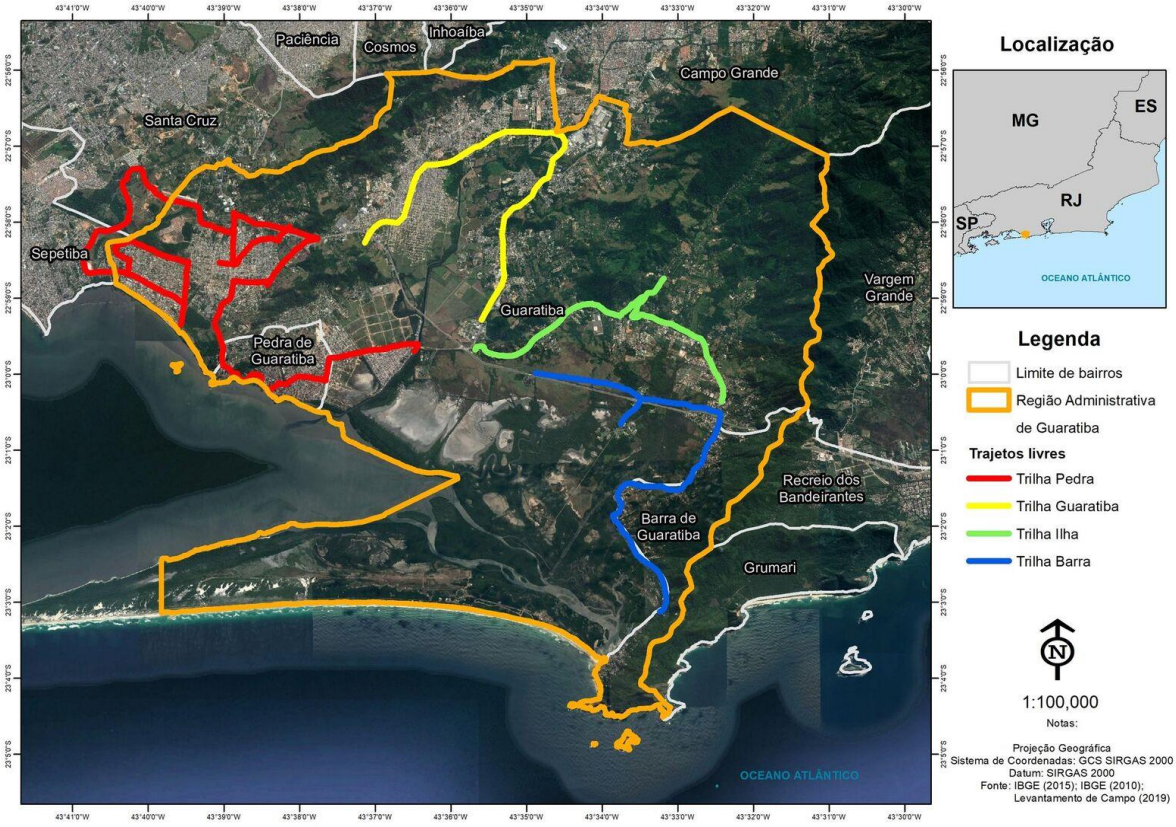
num "ir e vir" constante, de modo a compreender o movimento de construção do real, indo além do imediato e do empírico, e "capturar" o momento. Segundo Brandão (2007) é imprescindível ao pesquisador que se propõe a fazer uma pesquisa qualitativa, conectar-se com o lugar de diversas formas e estar atento aos seus bens materiais e simbólicos, que muitas vezes, não são percebidos nas entrevistas, pois "uma coisa é o que as pessoas dizem a respeito disso, outra coisa é aquilo que o pesquisador vê acontecendo" (p.20). Estabelecemos o contato direto com os sujeitos envolvidos participando dos eventos culturais e de algumas reuniões com os movimentos sociais da região, abrindo possibilidades para outras técnicas de coleta de dados.

A região de Guaratiba está situada na parte oeste da cidade do Rio de Janeiro ao longo da planície costeira, com superfícies alagadas e solos férteis. A Baía de Sepetiba constitui um dos referenciais de localização e de identidade da região. A configuração espacial da região contribuiu para desenvolver a tradição pesqueira e agrícola que resiste, apesar da poluição da baía e das recentes transformações urbanas. Apresenta riqueza paisagística de flora e fauna, com ecossistema de manguezal reconhecido como berçário da vida marinha, e resíduo de Mata Atlântica. Seu limite Sul é limitado pelo estreito cordão arenoso da Restinga da Marambaia, enquanto sua porção oeste, portal de comunicação entre a baía e o oceano, distingue-se pela presença de numerosas ilhas, lagos e afloramentos rochosos. O relevo da região é caracterizado por serras, morros que fragmentam as áreas de ocupação predominantemente nas planícies de inundação dos rios que nascem no Maciço da Pedra Branca. Essas condições caracterizam a região como ambientalmente frágil, o que justifica a presença de unidades de conservação. Mesmo com uma legislação ambiental de proteção garantida pelo Estado, a região apresenta problemas ambientais que colocam em risco a preservação dos seus ecossistemas, como também a qualidade de vida dos seus habitantes.

Sendo assim, realizamos quatro trajetos livres, observando e descrevendo elementos significativos sobre as recentes transformações urbanas na RA de Guaratiba, que permitiram regionalizar Guaratiba em 4 subáreas, denominadas: Pedra, Guaratiba, Ilha e Barra. Os trajetos livres tiveram como ponto de partida um

determinado lugar selecionado a partir da área de abrangência do trabalho de campo, sem ponto de chegada a priori. Os trajetos contribuíram para investigar a área de estudo na sua dimensão e diversidade, como demonstrado no mapa (Fig. 2), e delimitar subáreas.

Figura 2: Localização dos trajetos livres na Região de Guaratiba



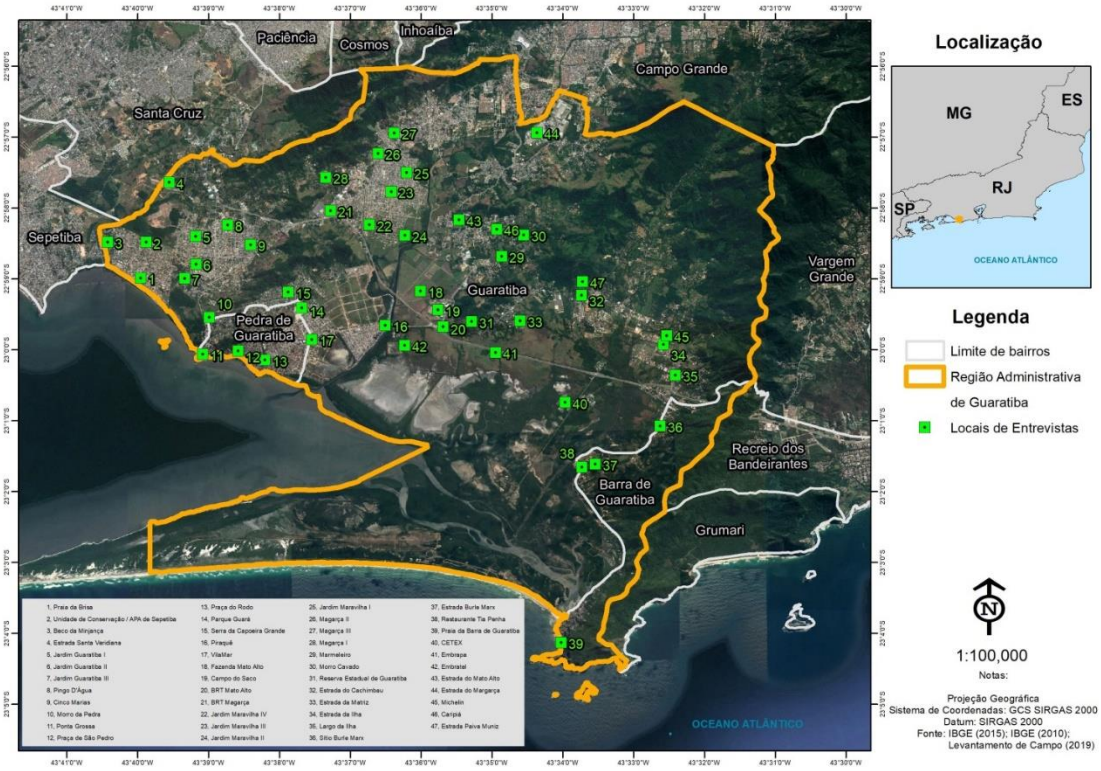

Adaptado por Morgado & Nascimento (2019)

Trajeto livre em vermelho – "trilha 1" / subárea: Pedra, ponto de Partida: Rua Damolândia, na Praia da Brisa. Trajeto livre em amarelo – "trilha 2" / subárea: Guaratiba, ponto de partida: Estação do BRT Magarça. Trajeto livre em verde – "trilha 3" / subárea: Ilha, ponto de partida: Sede da Reserva Biológica de Guaratiba (RBG). Trajeto livre em azul – "trilha 4" / subárea: Barra, ponto de partida: EMBRAPA.

Nessas trilhas demarcamos pontos (Fig. 3) e realizamos um total de 145 entrevistas (Fig. 4), abrangendo os bairros de Guaratiba, Barra de Guaratiba e Pedra de Guaratiba. Com base em ANDRE (1991), DEMO (1998), BRANDÃO (2007),

DUARTE (2002), GONÇALVES e LISBOA (2007), recorremos a vários tipos de entrevistas e utilizamos variadas técnicas de coletas de dados.

Figura 3: Localização dos pontos de entrevistas




Adaptado por Morgado & Nascimento (2019)

**FIGURA 4: QUADRO DE LOCALIZAÇÃO DOS PONTOS E ENTREVISTADOS**

| TRILHA/ PONTOS | LOCALIZAÇÃO | ENTREVISTADOS |
|---|---|---|
| Trilha Pedra/ 1 | Praia da Brisa | 4 |
| Trilha Pedra/ 2 | APA de Sepetiba | 3 |
| Trilha Pedra/ 3 | Beco da Minchança | 3 |
| Trilha Pedra/ 4 | Estrada Santa Veridiana | 2 |
| Trilha Pedra/ 5 | Jardim Guaratiba I | 3 |
| Trilha Pedra/ 6 | Jardim Guaratiba II | 3 |
| Trilha Pedra/ 7 | Jardim Guaratiba III | 2 |
| Trilha Pedra/ 8 | Pingo D'Água | 2 |
| Trilha Pedra/ 9 | Cinco Marias | 5 |
| Trilha Pedra/10 | Morro da Pedra | 2 |
| Trilha Pedra/11 | Ponta Grossa | 4 |
| Trilha Pedra/12 | Praça de São Pedro | 5 |

| | | |
|---|---|---|
| Trilha Pedra/13 | Praça do Rodo | 13 |
| Trilha Pedra/14 | Parque Guará | 2 |
| Trilha Pedra/15 | Serra da Capoeira Grande | 2 |
| Trilha Pedra/16 | Piraquê | 2 |
| Trilha Pedra/17 | VilaMar | 2 |
| Trilha Guaratiba/18 | Fazenda Mato Alto | 2 |
| Trilha Guaratiba/19 | Campo do saco | 4 |
| Trilha Guaratiba/20 | BRT Mato Alto | 3 |
| Trilha Guaratiba/21 | BRT Magarça | 3 |
| Trilha Guaratiba/22 | Jardim Maravilha IV | 4 |
| Trilha Guaratiba/23 | Jardim Maravilha III | 4 |
| Trilha Guaratiba/24 | Jardim Maravilha II | 2 |
| Trilha Guaratiba/25 | Jardim Maravilha I | 3 |
| Trilha Guaratiba/26 | Magarça II | 2 |
| Trilha Guaratiba/27 | Magarça II | 3 |
| Trilha Guaratiba/28 | Magarça III | 3 |
| Trilha Guaratiba/29 | Marmeleiro | 2 |
| Trilha Guaratiba/30 | Morro Cavado | 4 |
| Trilha Ilha/31 | Reserva Biológica de Guaratiba | 1 |
| Trilha Ilha/32 | Estrada do Cachimbal | 6 |
| Trilha Ilha/33 | Estrada da Matriz | 2 |
| Trilha Ilha/34 | Estrada da Ilha | 2 |
| Trilha Ilha/35 | Largo da Ilha | 4 |
| Trilha Barra/36 | Sítio Burle Marx | 3 |
| Trilha Barra/37 | Estrada Burle Marx | 6 |
| Trilha Barra/38 | Restaurante Tia Penha | 1 |
| Trillha Barra/39 | Praia da Barra de Guaratiba | 9 |
| Trilha Barra/40 | CETEX | 1 |
| Trilha Barra/41 | EMBRAPA | 1 |
| Trilha Guaratiba/42 | EMBRATEL | 1 |
| Trilha Guaratiba/43 | Estrada do Mato Alto | 3 |
| Trilha Guaratiba/44 | Estrada do Magarça | 2 |
| Trilha Guaratiba/45 | Michelin | 1 |
| Trilha Guaratiba/46 | Carapiá | 2 |
| Trilha Ilha/47 | Estrada Paiva Muniz | 2 |
| Total | | 145 |

Elaborado por Morgado (2019)

Os trajetos livres demandaram procedimentos que envolveram a imersão e o envolvimento do pesquisador com o lugar estudado, a fim de apreender o que é

incomum, e aparece sutilmente. As trilhas foram reveladoras, porque por meio delas identificamos outras questões, novas interpretações. A distribuição dos pontos no mapa mostra como a topografia modela a ocupação da região e nos traz uma forma peculiar.

Na subárea Pedra entrevistamos novos e antigos moradores, veranistas, turistas, trabalhadores locais, comerciantes, representantes de associações e de fundações, funcionários públicos e lideranças locais. Encontramos uma diversidade considerável entre os informantes em comparação com as demais. Isso se deve ao fato da área já apresentar uma ocupação consolidada e um crescimento do comércio e dos serviços. A subárea abrange os loteamentos – Praia da Brisa, Jardim Guaratiba, Cinco Marias; o bairro da Pedra de Guaratiba até a Comunidade do Piraquê. Há condomínios recentes na Estrada da Pedra, no sopé da Serra da Capoeira Grande (com destaque para a Estrada do Catruz). Na área central do bairro da Pedra encontramos um comércio emergente (supermercados, lojas, casa lotérica), diversos serviços (hospitalar, bancários, educativos, correios), fundações de assistência social, associações (de moradores, culturais e ambientais) e instituições públicas. Na orla observamos algumas casas de veraneio, concentração de restaurantes especializados em frutos do mar atendendo um turismo de fim de semana, e a atividade pesqueira. O lugar ainda preserva certas características de balneário, mesmo com a poluição da praia.

Na subárea Guaratiba entrevistamos antigos e novos moradores, alguns sitiantes, trabalhadores locais, comerciantes e operários de uma indústria multinacional localizada na região. Observamos novos e antigos loteamentos que ocupam áreas com baixa capacidade de drenagem. O sub-bairro Jardim Maravilha cresce nas direções da Avenida Dom João VI e da extensa Fazenda Mato Alto (que resiste à especulação imobiliária). Na área que dá acesso à estrada do Mato Alto resistem pequenos sítios, ainda produtores, contrastando com os sítios e granjas que estão à venda, ou já são condomínios residenciais. O pequeno comércio é pontual nas vias principais dos loteamentos, predominando mercados, bares, lojas de material de construção, casas de festas, lotérica e outros. A subárea faz fronteira com o bairro de Campo Grande (área que concentra novos condomínios) e termina na Avenida Dom

João VI. Atualmente recebe uma população advinda dos bairros da Zona Oeste do Rio, principalmente de Campo Grande, Bangu e, bairros ligados pela Avenida Brasil.

Na subárea Ilha entrevistamos antigos e novos moradores, sitiantes, comerciantes, e trabalhadores locais. É caracterizada pela concentração de sítios, alguns ainda com produção agrícola, e outros, com cultivo de plantas ornamentais, porém há um acelerado processo de fragmentação das terras. Os sítios estão sendo loteados, dando lugar aos novos condomínios. Apresenta poucos serviços e um comércio local que se restringe aos novos mercados e lojas de material de construção, agropecuária, bares e padarias, que hoje não atendem à demanda da população local.

Na subárea Barra entrevistamos novos e antigos moradores, turistas, veranistas, pescadores, comerciantes e trabalhadores locais. Em comparação com as demais apresenta menor dimensão. A área de ocupação antiga está concentrada no maciço do Grumari e ao longo da Estrada Burle Marx encontramos os restaurantes especializados em frutos do mar, novos condomínios, um comércio local, algumas pousadas e serviços ligados ao turismo (principalmente ecológico).

A região de Guaratiba exemplifica um momento de reestruturação urbana com base nos interesses imobiliários, marcando um processo de expansão caracterizado por objetos materiais e imateriais que resultam num conjunto simbólico de dominação. As recentes transformações espaciais que marcam o processo de expansão da cidade evidenciam lógicas de ocupações distintas na região:

I) A lógica configurada pela expansão imobiliária, impondo o modelo de ocupação dos bairros da Barra da Tijuca e do Recreio dos Bandeirantes. Essa lógica tende a criar o ideário de cidade "city-marketing", determinando imagens e padrões estéticos baseados na construção de condomínios fechados de casas ou apartamentos (com muros altos, pintura em tons pastéis, uso abusivo de vidros, e nomes que valorizam a localização do imóvel). Padronizados pela tecnologia e utilização de novos materiais. A lógica é uniformizar o espaço – um modelo a ser seguido.

II) A lógica configurada pelo vetor que caracteriza a expansão tradicional, pois predomina uma forma de ocupação que marca a função de bairro residencial. Nessas áreas predominam construções antigas contrastando com as novas

construções (basicamente de moradia unifamiliar), loteamentos sem escritura, vazios urbanos e presença de sítios e chácaras.

III) A lógica configurada por ocupações recentes que margeiam a principal via de acesso aos bairros, como também as áreas de encostas e de planícies que vêm sendo aterradas pelo poder paralelo das milícias atuantes na região. Predominam as construções de casas sem coleta e tratamento de esgoto, com abastecimento precário de água potável e iluminação pública, com ruas sem pavimentação e propensas a desmoronamentos e inundações.

Essas três lógicas se cruzam no espaço de Guaratiba e marcam uma dinâmica complexa do urbano, permeada por tensões e conflitos. Trata-se de uma região que atualmente recebe população de vários bairros da cidade e de outros estados. Dentre os novos moradores há aqueles que a) "apostam" nesse novo lugar, mas não estabelecem relações de vizinhança, b) buscam não só a permanência no lugar, como também um resgate da sua história, por terem relações de identidade com o bairro, c) são movidos pela procura incansável e árdua de encontrar um "lugar" para morar, mesmo vivendo em condições precárias e muitas vezes desumanas.

## Considerações finais

O presente estudo não tem a pretensão de esgotar a investigação, mas instigar a compreensão para novas questões sobre o estudo do espaço urbano na sociedade capitalista. Atualmente, numa perspectiva neoliberal, a produção, a competitividade e a subordinação dos fins à lógica do mercado são elementos que dominam a nova concepção do urbano.

Essas transformações na cidade resultam das ações dos sujeitos no espaço. Os sujeitos são produtores do projeto de cidade instituído, porém eles percebem e atuam no espaço de forma diferenciada. Interagem com o que é externo e interno à região, ora legitimando o discurso hegemônico, ora produzindo novas representações do espaço.

O espaço é condição, meio e produto, pois agrega relações espaciais nas variadas escalas. Existem várias "Guaratibas" que devem ser estudadas. Os bairros Pedra de Guaratiba, Barra de Guaratiba e Guaratiba, constituem pedras singulares desse

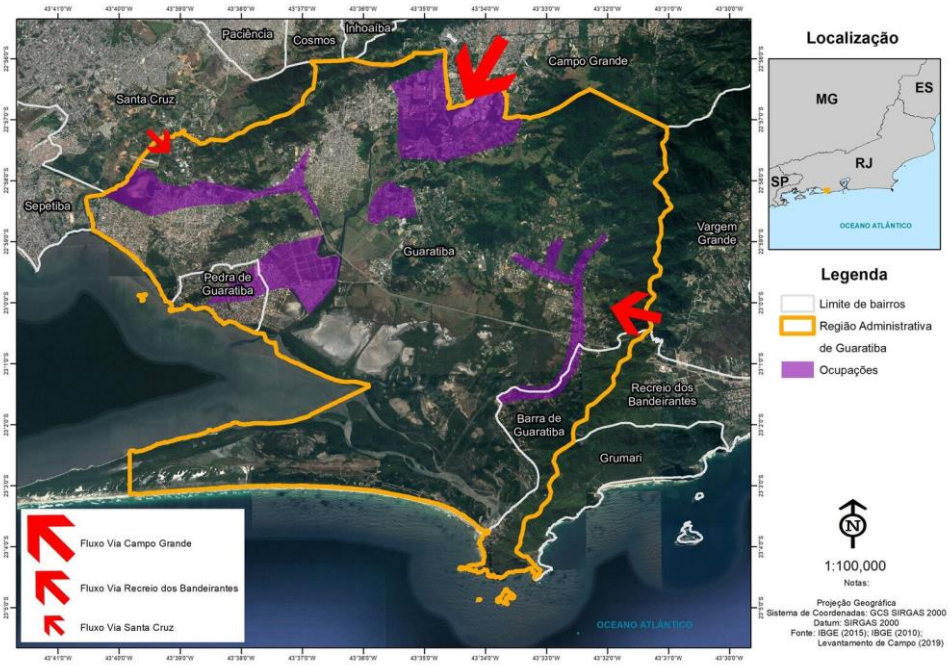
mosaico complexo, onde os sujeitos interagem e produzem espaços distintos e marcados por possibilidades. Existem lógicas internas e externas entre as "pedras" que dão dinamismo a esse mosaico plural e multifacetado.

A expansão da cidade do Rio de Janeiro obedece à uma dinâmica em que alguns bairros da Zona Oeste, por apresentarem ainda espaços vazios, vivenciam lógicas de ocupação recentes que alteram a vida cotidiana dos seus habitantes. As intervenções urbanas priorizam obras viárias, direcionando eixos de ocupação que não acompanham o investimento em infraestrutura local, com um aporte urbano que atenda essa população. Os bairros da RA de Guaratiba apresentam essa realidade e exemplificam essa dinâmica de ocupação.

Na Zona Oeste o ritmo de crescimento da população não acompanha o desenvolvimento da região. Guaratiba, pela especificidade da sua ocupação, apresenta problemas de infraestrutura urbana, regulamentação fundiária, falta de programas sociais e de habitação do governo voltados para a população de baixa renda, entre outros. É uma região de muitos conflitos.

Guaratiba exemplifica esse momento de reestruturação urbana com base nos interesses imobiliários, marcando um processo de expansão caracterizado por objetos materiais e imateriais que resultam num conjunto simbólico de dominação, e que é externo à região. O modelo de gestão urbana gera diversos antagonismos entre o que é interno e externo à cidade. O mapa (Fig. 4) mostra os fluxos recentes de expansão para a RA de Guaratiba.

Figura 4: Fluxos de expansão urbana da RA de Guaratiba (2019)




Adaptado por Morgado & Nascimento (2019)

O vetor Campo Grande é o mais expressivo, com uma ocupação incentivada pelo mercado imobiliário (presença de construtoras) e novos loteamentos em fase de regularização; seguido pelo fluxo que vem motivado pela construção do Túnel Presidente José de Alencar, vulgarmente chamado Túnel da Grota Funda, com uma lógica de ocupação de condomínios fechados de casas. O fluxo menor é o vetor de Santa Cruz que será estimulado pelos projetos da prefeitura, com destaque para o PEU de Guaratiba.

## Referências

ANDRÉ, Marli E.A. Técnicas qualitativas de pesquisa: oposição ou convergência? **Cadernos CERU**, n. 3, série 11, 1991.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v.10, n. 1, p. 11-27. Jan./jun. 2007.

DEMO, Pedro. Pesquisa qualitativa: busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Revista Latino-amenfermagem,** Ribeirão Preto, v.6, n. 2, p. 80-104. abril. 1998.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, no 115, p. 139-154. março, 2002.

GONÇALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método de história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Revista Katál.** Santa Catarina, Florianópolis, v.10, n. especial, p. 83-92, 2007.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume. 1992.

_____. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Edições Loyola, 1994.

_____. **Espaços de esperança**. São Paulo: Loyola, 2004.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sergio Martins (do original: **La production de l'espace**. 4ª edição, Paris: Éditions Anthopos, 2000. Primeira versão início fev., 2006.

LENCIONI, Sandra. Metropolização do espaço e a constituição de megarregiões. In: FERREIRA, Álvaro; RUA, João; MATTOS, R. C. de (orgs.)**. Desafios da metropolização do espaço**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

_____. Redes, coesão e fragmentação do território metropolitano. **Revista Eletrônica de Geografia Y Ciencias Sociale**s. Universidade de Barcelona, Barcelona, v. XIX, n. 331, 2010.

PEREIRA, Paulo Cesar Xavier**.** Megaprojeto e produção do espaço urbano: uma perspectiva crítica. **XIII SIMPURB**, 2013.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EDUSP, 2014.

SASSEN. Saskia. The globalcity: introducing a concept**. Winter/Spring**, v. XI, ISSUE 2, p. 27-43, 2005.

Recebido em 13 set. 2020;
aceito em 20 set. 2020.